



No mundo de Calvina, os ladrões têm caráter, os mortos estão vivos, as bibliotecas são manicômios e os loucos esbanjam coerência, como os livros com que se identificam. Ali, onde cada coisa se apresenta sob muitas faces, o real vira um estranho jogo, desafiando a nossa compreensão.

CALVINA • CARLO FRABETTI



BARCO
A VAPOR

Calvina

Carlo Frabetti



Tradução
Reynaldo Damazio

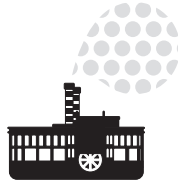
179070

ISBN 978-85-418-1637-3



9 788541 816373





BARCO
A VAPOR

Calvina

Carlo Frabetti

Tradução
Reynaldo Damazio



Título original: *Calvina*
© Carlo Frabetti, 2007
© Edições SM, 2007

Edição executiva: Graziela Ribeiro dos Santos

Coordenação editorial: Fabio Weintraub
Edição: Rodrigo Villela
Revisão: Penelope Brito e Carla Mello Moreira

Edição de arte: Leika Yatsunami
Ilustração de capa: Miguel Navia
Produção editorial: Alexander Maeda
Impressão: Completar nome da gráfica

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Frabetti, Carlo

Calvina / Carlo Frabetti; tradução Reynaldo Damazio. — 2. ed. —
São Paulo: Edições SM, 2016. — (Coleção barco a vapor)

Título original: *Calvina*.
ISBN 978-85-418-1637-3
1.Literatura infantojuvenil I. Título.

16-08048

CDD-028.5

Índice para catálogo sistemático:

1. Literatura infantojuvenil 028.5
2. Literatura juvenil 028.5

Grafia conforme o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa

1ª edição brasileira agosto de 2008

2ª edição 2016

Xª impressão 2018

Todos os direitos reservados a

EDIÇÕES SM

Rua Tenente Lycurgo Lopes da Cruz 55

Água Branca 05036-120 São Paulo SP Brasil

Tel. (11) 2111-7400

www.edicoessm.com.br

*A Annagilda, Simonetta,
Robert, Giussi e Olívia,
uma família tão original
como a de Calvina*

SUMÁRIO

O jardim bosque	9
O cão lobo	15
O armário quarto	19
O menino menina	23
O manicômio biblioteca	27
O barão visconde	33
O alfaiate encadernador.....	37
O encanador pirata.....	41
A livraria farmácia.....	47
O cinema dormitório	51

O passeio fuga	57
A despensa câmara.....	61
A morta viva.....	65
O anão gigante.....	71
A viva morta.....	79
A flauta porrete.....	83
O parafuso chave	87
A mãe pai	93
A biblioteca manicômio	97
O epílogo prólogo	101

● O JARDIM BOSQUE

ERA UM CASARÃO antigo e estropiado, rodeado por um amplo jardim de que havia muito tempo ninguém cuidava; tanto que, mais que um grande jardim, parecia um pequeno bosque. A casa não parecia abrigar coisas de muito valor, mas tinha uma janela aberta no térreo, e esse era o tipo de tentação a que Lucrécio, o Rato, não podia resistir. Além disso, se Cochilo havia indicado o lugar, o golpe valia a pena. Cochilo não costumava equivocar-se.

Não costumava equivocar-se, mas costumava chegar tarde. Isso, quando chegava, pois às vezes nem sequer aparecia, já que adormecia com muita facilidade. Por isso o chamavam de Cochilo.

Depois de esperar mais de meia hora, Lucrécio decidiu fazer o trabalho sozinho. Parecia fácil e, se desse tudo certo, daria uma parte para Cochilo pela informação. Imitou o latido de um cão e, na falta de resposta (sinal de que não havia nenhum vira-lata na casa), saltou com dificuldade a alta grade de ferro, guarnecida por ameaçadoras pontas de lança.

Enquanto cruzava o jardim às escondidas, julgou ter avistado entre o matagal os olhos reluzentes de um... gato?

“É muito grande para ser um bichano”, pensou, arrepiado ao calcular o tamanho do animal, dada a distância entre os olhos. “Mas se fosse um cão, teria latido.”

Lucrécio decidiu não parar para conferir que tipo de bicho o observava daquele matagal. Correu a toda velocidade até a casa e, sem mais averiguações, entrou pela janela aberta.

Já passava da meia-noite e todos deviam estar dormindo, pois não havia nenhuma luz acesa, nem se ouvia o menor ruído. Não fosse pelo débil brilho da lua, que se infiltrava na sala pela mesma janela por onde Lucrécio entrara, a escuridão seria total.

O ladrão pegou sua lanterna de bolso e pretendia acendê-la. Mas não teve tempo. Um grande lustre de cristal que pendia do teto se acendeu de repente e Lucrécio se viu cara a cara com um menino que o olhava muito sério a poucos metros de distância. Era um menino bem estranho. Tinha uns dez ou onze anos, era muito pequeno e meio cabeçudo, com grandes e penetrantes olhos azuis. E completamente careca.

— Ainda falta muito para o Natal — disse o menino — e, além disso, você não se parece nada com Papai Noel.

— Não tenha medo, pequeno — sussurrou Lucrécio, com um sorriso forçado. Seu primeiro impulso foi sair dali correndo, mas se conteve; se agisse de maneira brusca, provavelmente o menino começaria a gritar. E, com a janela aberta, os gritos seriam ouvidos na rua. Alguém poderia se aproximar e flagrá-lo saltando a grade.

— Não tenho medo — respondeu o garoto. — E não sou pequeno.

— Não queria ofendê-lo — desculpou-se Lucrécio. — “Pequeno” é um modo de dizer, você sabe... Na verdade, você é bem alto para sua idade.

— Pare de falar bobagens. Você não pode dizer que sou alto para minha idade, a menos que me imagine com cinco anos. Por minha cara e meu jeito de falar é evidente que tenho, no mínimo, o dobro, mas, como disse Napoleão¹, a grandeza nada tem a ver com a estatura; embora seja comum os bobalhões como você confundi-las.

— Olha, eu não sou nenhum bobalhão. Fique sabendo que me chamam de... Demétrio, o Astuto.

— Nada disso. Chamam você de Lucrécio, o Rato, também conhecido como Luc, o Sigiloso. Ainda que, a julgar pelo barulho que acaba de fazer, este último apelido não pareça muito adequado.

— Como diabos você sabe...?

— Eu faço as perguntas — interrompeu-o o menino. — Você tem família?

— Depende da perspectiva — respondeu Lucrécio com um suspiro. — Minha mulher me abandonou há uns dois anos e quase não me deixa ver nossa filha; diz que sou má influência para ela.

1 Nascido na Córsega, França, Napoleão Bonaparte (1769-1821) fez carreira militar a partir da Revolução Francesa, em 1789, e posteriormente tornou-se imperador da França, em 1804. Foi derrotado pelos ingleses e seus aliados na histórica batalha de Waterloo, na Bélgica, em 1815.

— Em princípio, não se pode dizer que ela não tenha razão — comentou o menino com uma careta de desdém.

— Alto lá! — protestou Lucrécio. — Só por ser ladrão não significa que eu seja mau pai.

— Você se considera bom?

— Talvez eu não seja o que se costuma definir como um pai exemplar, mas posso garantir que minha filha é o mais importante para mim. Faria qualquer coisa por ela.

— Ótimo. Era exatamente isso o que eu estava procurando.

— O que você quer dizer?

— Um bom pai. Preciso de um bom pai.

— Para quê? Para quem?

— No momento, responderei à segunda pergunta: para mim.

— Está brincando?

— De jeito nenhum. É um assunto muito sério... Você não tem um aspecto muito bom, mas na falta de opção, suponho que servirá.

Lucrécio sentiu uma estranha inquietação. Não era a primeira vez que o surpreendiam ao tentar roubar uma casa, mas nunca tinha enfrentado uma situação tão insólita como aquela.

— Creio que é melhor eu ir embora — disse após uma pausa. — E você, com certeza, já deveria estar na cama.

Preparou-se para sair pela janela por onde entrara, mas o menino tirou do bolso um controle remoto e apertou um botão. Com um golpe seco, grossas barras metálicas desceram como uma guilhotina da borda

superior da janela, impedindo a fuga do perplexo ladrão, que se voltou para o menino:

— Escute...

— Calvino. Meu nome é Calvino.

— Escute, Calvino: o melhor para nós dois é que eu volte calmamente por onde vim, portanto, faça o favor de abrir essa janela, caso contrário...

— Caso contrário, o que você vai fazer?

— Terei de usar a força.

— Um bom pai como você não usaria a força contra uma pobre criatura indefesa.

— Certo, não vou matá-lo nem quebrarei seu braço, mas terei de pegar esse controle remoto à força.

— Não será necessário. Tome — disse Calvino, estendendo-lhe o controle.

Lucrécio o pegou, mas não entendia os estranhos sinais de comando; experimentou vários botões ao acaso, mas não conseguiu nada.

— Está bem — disse. — Contrariando meus hábitos, sairei pela porta.

— Não creio que consiga abri-la — respondeu Calvino. — É uma porta à prova de ladrõezinhos incompetentes.

— Escute aqui, este jogo está indo longe demais — disse Lucrécio, esforçando-se para parecer tranquilo, embora não estivesse nem um pouco. — Você não pode me prender aqui contra minha vontade, se não me deixar sair...

— Você chama a polícia? Vá em frente, aqui está o telefone.